

Duquesne University

Duquesne Scholarship Collection

Antologia Espiritana

Anthologie Spiritaine

5-1-2010

03. BISPOS E CONGREGAÇÕES MISSIONÁRIAS, A I. Schwindenhammer

Christian de Mare CSSp

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese>



Part of the [Catholic Studies Commons](#)

Repository Citation

de Mare, C. (2010). 03. BISPOS E CONGREGAÇÕES MISSIONÁRIAS, A I. Schwindenhammer. Retrieved from <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese/103>

This VI is brought to you for free and open access by the Anthologie Spiritaine at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Antologia Espiritana by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

3. BISPOS E CONGREGAÇÕES MISSIONÁRIAS

A I. Schwindenhammer ²⁹¹

O “*efervescente ano de 1846*”, para retomar a expressão de Paul Coulon, que o estudou a fundo, é o da gênese do grande “*Memorando sobre as Missões dos Negros em Geral e a da Guiné em Particular*”²⁹², que Libermann apresentou à Propagação da Fé a 15 de Agosto de 1846.

Durante a sua estadia em Roma, Libermann foi retocando constantemente o texto do seu grande Memorando conforme os encontros que ia tendo. Mantém os seus colaboradores mais próximos ao corrente das negociações, particularmente Inácio Schwindenhammer, o seu braço direito. Escreveu-lhe pelo menos três cartas durante esta estadia. Aqui transcrevemos a última carta, escrita ao longo de vários dias. Ocupa 8 páginas de “*Notes et Documents*” e faz-nos reviver esta etapa da elaboração do grande Memorando.

Sr. P. Schwindenhammer,
La Neuville-les-Amiens,
Somme, França.

J. M. J.

Roma, 4 de Agosto de 1846

Caríssimo confrade,

Em sua carta de 20 de Julho insiste muito sobre um assunto da maior importância. Os seus argumentos são sábios e há razões, razões de peso para os seus receios, *ex communiter contingentibus*²⁹³. No entanto, não tive a menor dúvida em seguir em frente. E pelas seguintes razões:

²⁹¹ ND VIII, pg. 208-215.

²⁹² Cf. Paul Coulon, o.c., pg. 434-455: “L’effervescente année 1846” e pg. 220-270 para o texto mesmo do grande Memorando, em edição crítica. Cf. ainda *Mémoire Spiritaine*, n° 3, pg. 19: “Un mémoire secret de Libermann à la Propagande en 1846? Enquête et suspense” por Paul Coulon.

²⁹³ Tradução: “pela ordem natural das coisas”.

Antologia Espiritana

1ª Dir-lhe-ei antes de mais que todas as precauções são inúteis. O sossego das Missões depende unicamente do bom espírito dos superiores eclesiásticos e das medidas administrativas e regulamentares tomadas com moderação e grandes cautelas pelos superiores das Congregações. Lembre-se disto, por mais regularidade e amor à Congregação que tenha um bispo missionário a ela pertencente, uma vez nomeado responsável de uma missão vai querer ser ele a mandar. Só um exemplo, entre muitos deste género. Um padre lazarista muito considerado pela sua regularidade, piedade e talento, recusou várias nomeações para ser bispo nas missões, com receio de deixar de pertencer à sua Sociedade. Acabou por aceitar, com a condição de continuar a pertencer a ela. Pouco tempo depois de assumir o cargo, renunciou à sua sociedade, continuando a ser sempre piedoso e zeloso, mas procurando exercer as suas funções independentemente dela. É da ordem natural das coisas que o que recebe o encargo duma missão pouco a pouco se comece a desligar da sua Regra. É o preceito de Deus que manda desligar-se de pai e mãe para se ligar à sua mulher; é uma coisa tão natural que os exemplos em contrário são extremamente raros, como nos prova a experiência. Dir-lhe-ei que o bom P. Colin, superior dos maristas, que está aqui comigo há quinze dias, me disse várias vezes que preferia ter estranhos por bispos de suas missões, porque a gratidão os levaria a tratar com consideração o superior da Congregação. Consegui demovê-lo dessa ideia. Os lazaristas, os padres de Picpus, os maristas, todos têm bispos saídos de entre os seus e nomeados há muito tempo; e todos têm missões muito grandes. Os jesuítas têm algumas missões muito grandes cujos bispos não são dos seus; e não se sabe o que se passa com os bispos saídos de entre os seus membros. Apenas as Missões Estrangeiras têm poucos, em comparação com outras corporações missionárias (embora também tenham a sua parte), mas isso deve-se à sua organização específica.

2ª No que toca especialmente aos nossos dois assuntos: Primeiro, dir-lhe-ei que, se devêssemos ter só um bispo, a minha intenção era reter ainda o P. Boulanger para nos ajudar. No caso de termos dois, designá-lo-ia também; ao menos era essa a minha ideia, quando a minha carta foi escrita. Retomemos a questão. Em relação ao P. Truffet, mesmo que o retivéssemos dez anos em casa, nunca conseguiríamos fazer dele um modelo de homem de comunidade. Temos de reconhecer-lhe o seu bom espírito e as suas muitas qualidades, a sua profunda piedade, a sua humildade, a sua calma, a sua capacidade de insinuação e de conciliação. Para fazer o bem à sua vontade, tanto fora como dentro da comunidade, o P. Truffet tem de estar independente. O P. Truffet aprecia a

Congregação do Espírito Santo

.....

piedade e a regularidade, e sente a sua necessidade para os seus irmãos. Vai defender bem melhor esse espírito não sendo superior nem membro da comunidade. O seu tipo de comportamento e o seu modo de ser vão condizer melhor com ele e deixar de causar impressão se ele for bispo; aconteceria precisamente o contrário se ele fosse membro da comunidade. Sendo bispo, continuará afeiçoado à comunidade, observará uma parte de suas Regras e isso é quanto lhe basta para lhes dar apreço. Se estivesse na comunidade, talvez acontecesse o contrário.

Quanto à argumentação em favor do Haiti, ela é muito forte e sempre me tem impressionado muito; mas aqui não se pensa assim. Receia-se comprometer a Santa Sé dando um qualquer poder. Quer-se que a situação esteja regularizada, antes de se prosseguir. Disseram-me que a hora da divina Providência ainda não chegou para essa terra. Pelo que vejo, parece-me que a vamos perder. No entanto, bem gostaria de contribuir para a sua salvação. Deus seja louvado em tudo! O maior segredo por enquanto, sobretudo sobre este assunto. Não dê a entender absolutamente nada.

Em relação ao P. Boulanger, ele teria aproveitado alguma coisa se continuasse ainda na comunidade, mas pode ter a certeza que nem a sensibilidade à Regra nem o espírito dela ficariam tão impressos em sua alma que não se apagassem facilmente, nem sequer passados dois anos, após a sua nomeação episcopal. Basta-lhe ter apreço pela regularidade e pelo espírito de comunidade e que sinta a necessidade disso como suporte do fervor dos missionários; e isto, tê-lo-á ele em grau igual tanto agora como mais tarde.

Digo que isto basta, porque o bispo não deve ser superior de comunidade nem representante do Superior Geral. Vai ter que haver um superior nomeado expressamente para isso. Este é um ponto dos mais difíceis. Não posso entrar em grandes detalhes em relação a isso. É mesmo um dos pontos mais difíceis. Digo-lhe apenas que o P. Colin, que antes fizera como você, agora concorda comigo. Temos que conversar muito sobre este assunto.

Todas as dificuldades que se tiverem a temer com um bispo, são as mesmas tratando-se dum prefeito apostólico; talvez maiores; porque, quanto menos visibilidade e consistência tiver por força de si mesma uma autoridade, tanto mais sentirá a sombra do superior da Congregação. E note bem que em Roma, um superior de Congregação nunca terá razão contra um prefeito, tal

Antologia Espiritana

como contra um bispo. Nem imagina como em Roma se faz tudo para restringir todo o poder do superior duma Congregação e para o dar todo aos superiores eclesiásticos designados para chefiar uma missão. Nunca conseguirá a destituição dum prefeito, a não ser por má conduta ou heresia.

4^a ²⁹⁴ Até aqui, são só razões negativas. Vai agora uma positiva. A nossa Missão da Guiné é difícil; já está a ver as dificuldades que surgem. Se tivéssemos a infelicidade de ser obrigados a recomeçar, quero dizer se a Missão fracassasse, a nossa reputação, neste momento muito boa em Roma, levaria muito tempo a refazer-se; e por muito tempo teríamos dificuldade em obter a confiança da Propagação da Fé, ou algo de importante para consolidar a Congregação e as nossas missões; com um ou dois bispos, a Missão será consolidada e terá um futuro assegurado. De resto, o bem da Missão exige absolutamente o episcopado; sem ele, avançaria muito lentamente. Além disso, a nossa Congregação precisa dele para obter o reconhecimento público. O P. Colin, que consultei, é muito desta opinião. Sempre achei que estas razões são fortes, e isto preocupava-me profundamente; depois da minha viagem, acho-as ainda muito mais fortes e aumentaram as minhas inquietações. Se agora me não concederem nada, fico em paz, é lá com Deus.

5^a Decerto estará admirado de eu ter pedido não somente vigários apostólicos, mas bispos titulares e a Senegâmbia erigida em arquidiocese. A razão é por entender que se queremos obter a paz entre os chefes de missão e as comunidades, se queremos manter o espírito de comunidade e da Regra, este é o melhor meio de o conseguirmos. Estou certo que vai achar que isto é um paradoxo por uma coisa não ter nada a ver com a outra. Mas não sabe o que se passa. Por toda a parte nas missões tem havido disputas entre os chefes das missões e os superiores das comunidades. Não sei se há alguma exceção; pelo menos são raras nas missões existentes desde há algum tempo. Por todo o lado há desordem ou guerra envolvendo a questão da administração material. Esta luta e esta guerra vêm dos dois interesses em jogo: o interesse do poder do chefe de missão e o interesse da corporação missionária, sob cuja alçada estão os seus membros. As corporações missionárias tentam neutralizar o poder dos bispos ou chefes de missões e estes procuram centralizar tudo neles. Cada um puxa para seu lado, cada um procura levar a melhor sobre o outro; em geral, o que acontece é que nenhum deles tem razão e a disputa arrasta-se; prevalece a lei do mais forte, mas a luta não tem fim à vista. Em Roma, apoiam em tudo

²⁹⁴ No texto original falta a 3^a.

Congregação do Espírito Santo

o chefe de missão, que tem sempre razão quando apela para Roma, mesmo que a não tenha de facto. Normalmente nem sequer se consultam as comunidades, porque se quer fazer vingar o princípio de que a missão deve ser regida unicamente por quem a Santa Sé encarregou disso, e tende-se a destruir qualquer entrave levantado pelo espírito corporativo. Se tivesse havido uma constituição apostólica a dar orientações claras em relação a isto, saberíamos como situar-nos; mas nada existe, e é difícil estabelecer regras devido à oposição que lhes fariam as corporações missionárias, por um lado, e os bispos talvez por outro. Estando-se assim nesta indefinição, é necessário um trabalho a longo prazo para se conseguir chegar a uma organização que permita que as coisas funcionem bem. Vejo guerra por todo o lado, e atribuo a sua causa principal às comunidades que, no fundo, nem são culpadas. As comunidades tendem a favorecer a manutenção do espírito corporativo e as relações de obediência. Daí o interesse do Superior Geral em querer exercer sobre elas toda a sua influência e agir com toda a força que lhe dá o poder constitutivo e administrativo mais ou menos forte, consoante a Regra da sua Sociedade. Este exercício do poder do Superior Geral neutraliza necessariamente o do chefe da missão na esfera que lhe é própria. Daí, uma luta. Tenho examinado a sensibilidade da Santa Sé, o pensamento de Roma em relação a isso, e é evidente que desaprova e sempre desaprovou este modo de proceder.

Daí não ser este o método que podemos adotar. Além disso, somos e sere-mos sempre demasiado fracos para lutar assim.

Os próprios jesuítas perderam; os maristas também, e isso numa circunstância em que parecia que podiam esperar o contrário. Não gosto de ir contra as intenções da Santa Sé. Muito menos gosto destas guerras contínuas, que não agradam a Deus. Portanto, vou tentar um outro caminho que tem possibilidades de ser bem sucedido e que nunca dará azo a outros inconvenientes. Não perturbo nada, e tenho probabilidades de ser bem sucedido. Quando tivermos três ou quatro bispos titulares, os regulamentos que tivermos negociado com eles terão mais possibilidades de ser bem observados. É de supor que não estejam todos de má fé para com a Congregação e as suas Regras. Os que estiverem de boa fé contrabalançarão, em bloco, o mal que poderia fazer algum que assim não esteja. Reunir-se-ão em sínodo de vez em quando, e assim remediarão muitas desordens, causadas pela má fé, a vontade demasiado absoluta e outros defeitos de algum bispo isolado. O sínodo será uma certa garantia para os direitos dos missionários contra os seus bispos e para a

Antologia Espiritana

observância das Regras; isso não acontece quando há apenas vigários apostólicos; não se constituem como um corpo episcopal e não podem reunir-se em sínodo. Além do mais, se escolhermos um bom metropolitano, homem pacífico e de bom espírito, ele fará um bem imenso; será o pacificador geral; terá sempre uma certa influência. Poder-se-ia mesmo, com o andar do tempo, obter para ele poderes particulares, de Roma. Este metropolitano ser-nos-á útil em Roma. Escutá-lo-ão mais do que a um superior de comunidade; e assim, um bispo que agisse mal não teria sempre razão. Se um bispo fosse completamente insensato, como aconteceu várias vezes, e nada se pudesse obter dele, a influência dos seus colegas de província sempre amorteceria o que de mais deplorável houvesse em sua conduta, e já dava para se aguentar o resto até à vinda do seu sucessor que, sendo nomeado pelos outros bispos, se uniria naturalmente a eles, para remediar o mal e compor as coisas. (Note bem que uma vez bem organizada a Missão, tendo à sua frente vários responsáveis, quaisquer que sejam os seus títulos, é a eles que a Santa Sé confiará a nomeação dos outros e não à Casa Mãe).

Expus este plano ao P. Colin; discutimo-lo em várias ocasiões; adotou-o também como o melhor. Atualmente ele não tem condições para fazer a proposta à Propagação da Fé, porque o que seria metropolitano é o homem mais terrível das suas missões e, além do mais, isso não depende dele, uma vez que tem seis vigários apostólicos. Disse-me que lhes vai escrever para que façam eles mesmos esse pedido à Santa Sé.

Disse-lhe a si que pedi bispos titulares e um arcebispo. Com efeito, era essa a minha intenção e o pedido até já estava escrito no Memorando. Mas, ao ver que haveria, de momento, dificuldades maiores a superar, e que isso se arrastaria por muito tempo, preferi adiar essa proposta para mais tarde, e pedi somente um vigário apostólico, a fim de não ter, mais tarde, as dificuldades do P. Colin. Se depois forem nomeados outros, este vigário apostólico será o arcebispo. Bem vê como é preciso fazer-se uma boa escolha. Portanto, diga-me a sua opinião bem amadurecida sobre os dois confrades em questão. Precisa-se dum homem sério, conciliador e capaz de conseguir um certo ascendente sobre os que, depois, se irão juntar a ele.

Diga-me o que pensa, pois talvez me peçam os nomes antes de eu partir. Tenho a certeza moral de que esta questão se vai arrastar até ao Natal e talvez até mais tarde ainda. É o que se pensa aqui.

Congregação do Espírito Santo

Estou a acabar as minhas intenções de missa; inscreva-me para trinta; tenho ainda dezasseis. Convencido de que esta carta lhe vai chegar antes de as ter terminado, previno-o que depois as direi por sua intenção, quer dizer pelas intenções das missas que me atribuir.

Dir-lhe-ão em Louvencourt que em breve lhe escreverei. Não faça caso e não fique à espera doutra carta. É que a minha carta para Louvencourt devia ter partido já há dias, e afinal vai ao mesmo tempo que a sua.

Diga ao nosso caro confrade P. Truffet e ao bom P. Percin que conto escrever-lhes em breve. Estes dias, vou procurar falar de novo ao Secretário da Propagação da Fé sobre o Haiti, para os levar a resolver alguma coisa de positivo. Eles estão muito ocupados, cheios de trabalho. No entanto, espero poder retomar esta questão e dá-la por concluída. Se a não concluir esta semana, voltarei à carga na próxima.

Todo seu e dos nossos queridos confrades, em Jesus e Maria.

F. Libermann,
padre do Sagrado Coração de Maria.

P.S. - Reze para que lhe possa anunciar a minha partida já na próxima carta, o que só acontecerá depois da assembleia magna dos Cardeais. Estou muito bem de saúde.